

Alta fonte cita prazo de 60 dias

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

A permanência do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, no governo, é apenas uma questão de oportunidade. O presidente José Sarney estaria dando uma demonstração de enfraquecimento. Irá mantê-lo pelo menos por dois meses, que é o prazo dado para que o seu plano de recuperação da economia apresente resultados, segundo informou ontem uma alta fonte do Palácio do Planalto.

O presidente, de acordo com a fonte, deposita muita esperança no ministro que, se dependesse exclusivamente dele, ficaria no governo até o final. Funaro tem mantido um discurso bastante duro com os credores estrangeiros, a tal ponto de ter sido aconselhado, recentemente, a abrandar o tom em função das respostas que ganharam os noticiários internacionais nos últimos dias. Trata-se, porém, de acordo com esta fonte, do discurso do próprio presidente Sarney, que assumiu como ponto de

honra o não alinhamento com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para o País voltar a amortizar sua dívida com as instituições credoras no Exterior. Mas que nem sempre devem ser ditas com tanta veemência.

Para o governo, embora persistam as negociações, o tratamento que se dá à dívida externa é o mesmo de uma guerra. Para um importante colaborador do presidente da República, nessa guerra "joga-se duro", como nas ameaças de confisco de aviões e navios brasileiros no Exterior como forma de pagamento. O próprio Sarney não esperava que o assunto ganhasse tamanha proporção, mas confia em que, se para o Brasil isso é um problema grave, para os credores também é. A solução, portanto, deve sair da negociação.

Outros fatores, no entanto, vêm preocupando o presidente da República, acrescentou a fonte. A greve dos bancários, aliada a outras que ameaçam ser deflagradas nos próximos dias, deixa o País vulnerável aos

ataques de seus credores, que insistem num endurecimento da política econômica do governo. Mais uma vez, o informante voltou a referir-se ao plano do ministro Dílson Funaro, visto como uma tábua de salvação e que, "nos próximos dias", deverá mudar os rumos do Brasil. Não se fez, contudo, referências às medidas a serem anunciadas pelo governo.

Finalmente, no campo político, a Assembléia Nacional Constituinte tem reservado ao presidente surpresas não muito agradáveis. E o fato de ela não ter avançado mais nas questões adjetivas — regimento interno, convocação de ministros, cargos e outros problemas administrativos — em quase dois meses desde a sua instalação, soma-se aos ingredientes que o Palácio do Planalto computa como negativos. A Constituinte, para Sarney, na opinião de importantes assessores, poderia ser o seu aval para negociar com os credores estrangeiros e a demonstração mais significativa de que o Brasil caminha rumo a um regime democrático estável.